

Os nômades que habitam a cidade

Agricultores fogem da fome nos estados de origem e viram catadores de lixo, vigias de carro e pedintes no Distrito Federal

Eliana Chiavicatti
de Brasília

Eles chegam a Brasília com a esperança de encontrar na cidade uma saída para a miséria e o sofrimento. O tempo passa e a realidade de não ter uma casa e um emprego transformam agricultores em catadores de lixo, vigias de carro e pedintes.

Instalado em uma tenda de papelão, num terreno baldio na 214 Norte, o cearense Luís Rodrigues Lima é uma das provas de que as causas e consequências da migração para o Distrito Federal não mudaram nos últimos 20 anos.

Fugindo da fome da cidade de Ubajara, Lima chegou aqui em 1978 e passou a viver acampado na Vila Planalto. Foi cadastrado na antiga Shis, mas casou-se com uma piauiense e mudou-se para Brasília, perdendo a chance de ganhar um lote do governo.

Com a união, durante 11 meses, o cearense teve uma moradia certa e trabalhou como servente de obra, mas o sonho acabou com a separação e Lima passou a levar uma vida de nômade, fazendo bicos para se sustentar.

A situação piorou, arrumar emprego nas construções foi ficando cada vez mais difícil por causa das referências exigidas e, há dois anos, catar papel tornou-se sua principal ocupação.

Mesmo não sendo muito agradável, o ofício lhe



Evandro Matheus

Na ponte do Braghetto, três famílias de Irecê tentam sobreviver até a próxima retirada do governo

garante R\$ 200 mensais, que o deixam satisfeito por não ter que pedir esmola. “Dá para eu viver assim porque não tenho família, e duas cestas básicas me sustentam por uns três meses”, explica. “Mas não posso dizer que moro em lugar nenhum, porque só dá para chamar isto aqui de um lugar onde passo as noites, não dá para dormir e para onde vou tenho que carregar todos os meus pertences comigo, senão meus vizinhos roubam tudo”, relata conformado.

Um pouco mais recentes na cidade e mais revoltados com a situação em que se

encontram, o casal Raimundo Santos e Ciça Maria Santana perambula pelo DF há quase cinco anos.

Partiram de Irecê, na Bahia, com os três filhos e, sem destino, foram viajando de carona até encontrarem o lugar que mais agradasse. De 1993 para cá, já passaram por Sobradinho, Paranoá, Planaltina e Brazlândia.

Acampados agora na ponte do Braghetto, no final da Asa Norte, Santos se revolta com a falta de moradia: “Trabalhei de caseiro numa chácara, mas o dono não aceitava minha família toda e não dava para deixá-la na rua. Além disso,

meu patrão começou a atrasar meu salário e ficamos sem dinheiro para comer”, conta. “Procurei emprego nos canteiros de obras, mas todo o lugar em que eu chegava já tinha uns 600 na minha frente e sem endereço certo e experiência no serviço, eu ficava em desvantagem”, continua.

A esposa Ciça preocupa-se com os filhos e a falta de segurança da forma em que vivem: “Os meninos estavam na escola, lá eles recebiam duas merendas por dia, mas começamos a mudar de lugar toda a hora por causa do governo e eles tiveram que parar de estu-

dar”, fala com tristeza. “Aqui não é lugar de gente morar, as pessoas passam nos carros, chamam a gente de vagabundo e mandam a gente ir trabalhar. Os malandros passam e levam o mínimo que a gente tem, até a panela tem que ficar na barraca”, revolta-se. Sem emprego, a família tem sobrevivido com doações. “Mas quando a fome aperta, o jeito é pedir, pelo menos é melhor que roubar”, admite o pai.

Também de Irecê, a família de Elizabete Cleonice Santos chegou ao DF há pouco mais

de três meses. Entre irmãos, cunhados, sogra, filhos e filhas, as duas barracas de plástico e papelão, armadas no mesmo mata-gal em que vive o cearense Luís Rodrigues Lima, abriga cerca de 20 pessoas, crianças e mulheres na maioria.

Todos trabalham como vigias de carros. As crianças pararam de estudar para garantirem o sustento próprio e dos mais velhos. Elizabete garante ter procurado emprego como doméstica e não ter arrumado por causa da falta de referências. Mesmo com uma casa na cidade natal, não mostra

nenhum interesse em voltar para a Bahia: “Lá não tem nem carro para a gente vigiar”, explica Elizabete.

Revolta

Tanto o solitário Luís, como as duas famílias de Irecê já tiveram seus barracos desmontados pelo GDF e, segundo elas, nunca receberam nenhuma oferta de ajuda.

Os migrantes se revoltam com a redução na distribuição de lotes e acusam o governo de ser o principal responsável pela ocorrência da venda de terrenos doados: “Eles tinham que prender quem faz este tipo de coisa e não prejudicar quem daria de tudo para ter um pedaço de terra para morar, como a gente”, reclama Santos.

Mesmo com a miséria em que se encontram, falar em voltar para o lugar de onde partiram soa como agressão: “Fugimos da fome e não vamos voltar para ela, no lugar de onde viemos não existe mais nada, o governo pode continuar desmontando nossos barracos, que a gente monta de novo, em outro lugar”, desafia o baiano. “Eu sei que eles estão certos, área pública não é lugar de morar, mas ao invés de ficar largando a gente de qualquer jeito, podiam arrumar uma chácara e colocar as famílias que chegam em um local decente, ou nos mandar para onde pudessemos trabalhar”, conclui.